gas da Bíblia do Velho Testamento) e os Talmudins foram nela redigidos; e, em documentos rabínicos, até hoje está ela em uso tradicional. Jesús pregou em aramaico e é muito provável que, originalmente, os três primeiros dos quatro Evangelhos fôssem escritos naquele idioma também. Em ilhas lingüísticas do Líbano e na Igreja Maronita ainda hoje está em uso, sem ter sido sufocado pelo árabe (1). No império romano, por exemplo, encontrou fervorosa adoração Atargatis, a "deusa siríaca". Através da lingua e dos ritos deixaram os arameus os seus vestígios na história das grandes civilizações humanas.

Estão de parabens os responsáveis por essa coleção e aguardamos com grande interêsse as suas futuras publicações que, acreditamos, alcançarão o mesmo bom êxito dos primeiros folhetos. Ela vem ao encontro de uma real necessidade.

FRITZ PINKUSS

PRÉAUX (Claire). — **Les Grecs en Égypte d'après les archives de Zénon.** Office de Publicité, S. C., Bruxelles, 1947, 91 págs.

Camponeses egípcios, realizando excavações no Faium, em 1914, encontraram enorme quantidade de papiros que foram, em seguida, vendidos a diversos interessados em tais antiguidades. Em virtude disto tais documentos, integrantes do arquivo de Zeno, intendente de Apolônios — tesoureiro geral de Ptolomeu II Filadelfo —, foram dispersos e estão hoje fazendo parte de coleções pertencentes aos museus do Cairo, Londres, Paris, Atenas, Nova Iorque, Florença, Heidelberg, Manchester, Madison (Wisconsin) e Ann Harbor (Michigan). Tal material, de enorme importância para a reconstituição histórica do Egito helenístico e, particularmente, de Filadelfia em meados do século III a. C., foi aproveitado, em primeiro lugar, por Rostovtzeff, no seu trabalho "A large Estate in Egypt in the third Century B. C." (University of Wisconsin Studies in the Social Sciences and History, n.° 6, Madison, 1922) e, naturalmente, constituiu uma parte significativa das fontes de que se utilisou o mesmo autor para a composição de sua famosa "The social and economic History of the Hellenistic World". Claire Préaux serviu-se, aliás, daquele primeiro trabalho de Rostovtzeff para a reconstituição da vida dos gregos no Egito segundo os arquivos de Zeno, e Rostovtzeff, por sua vez, durante a elaboração da sua segunda obra acima referida, teve oportunidade de ler, ainda nas provas tipográficas, o livro que o prof. belga consagrou à economia real dos Lágidas (Bruxelas, 1939). A relação entre os dois especialistas é interessante porque constitui, por si só, uma excelente recomendação para o pequeno volume publicado pela coleção Lébègue e intitulado "Les Grecs en Égypte d'après les archives de Zénon."

O objetivo do Autor é enunciado na sua introdução: revelar, por meio dos mencionados documentos, a obra realizada no Egito pela primeira geração de gregos chegados ao país após a conquista macedônica, examinando, de um lado, a maneira pela qual foi explorado o solo do vale do Nilo e, de outro, a ação da antiga civilização egípcia sôbre os conquistadores. No desenvolvimento do trabalho podemos distinguir quatro partes: as duas primeiras, constituindo uma espécie de introdução, abordam generalidades a respeito do encontro dos papiros, da economia do Egito durante o govêrno dos primeiros Lágidas e do próprio Zeno, sua personalidade e suas relações com sua pátria, a Cária; da pág. 15 em diante o Autor descreve a exploração do domínio de

(1). — Descrição da múltipla ramificação do aramaico fornecemos à página 20 da nossa **Gramática Hebraica**, Editora Anchieta, São Paulo, 1948.

Filadelfia e, à pág. 67, assim se expressa: "Jusqu'à présent, nous avons essayé de reconstituer la vie matérielle du domaine. Il reste à saisir le jeu des intérêts et des sentiments qui animent cette société." Com isto passamos à quarta e última parte do volume.

Na realidade, não acreditamos que o Autor tenha alcançado o seu objetivo de fazer uma separação da matéria tal como anuncia à pág. 67, porquanto o que temos é sempre a vida econômica descrita cuidadosamente através dos documentos deixados por Zeno e as abundantíssimas referências a êstes e a outros papiros demonstram-nos, de maneira suficientemente clara, o processo segundo o qual foi realizado o trabalho em questão. Os títulos dos capítulos (curtos e de leitura bastante cômoda), são significativos pela falta de pretensão com que se apresentam: "La culture intensive", "La vigne", "Les arbres fruitiers", "Le bois", "La pêche", "La chasse", "L'apiculture", "Le tissage", "Les constructions publiques et privées", etc. São setôres da vida material que vão surgindo diante dos nossos olhos e dando ensejo a uma série de problemas dos quais apenas alguns merecem a atenção do Autor. Outrossim, dêstes capítulos pode-se inferir um sem número de traços da vida da população, do "jôgo dos interêsses e dos sentimentos", a despeito da separação da matéria enunciada expressamente à pág. 67. Assuntos como a dificuldade de conseguir-se moradia (pág. 42), a organização de uma espécie de "trust" de cerâmica por Zeno (pág. 45), as greves de trabalhadores rurais (pág. 51) e muitos outros, encontrados a cada passo, dariam margem a um desenvolvimento bem maior da última parte do trabalho, que ficaria, assim, bem mais interessante do que como se encontra, constituida apenas por 18 páginas, das quais tudo o que diz respeito aos escritórios de administração da "dôrea" (págs. 74-79) deveria, a nosso ver, estar participando da descrição da vida material da região. Parece-nos, aliás, que êste é o ramo de preferência do Autor, que, aí, nos satisfaz perfeitamente; salta-nos à imaginação um quadro econômico do Egito Lágida dos primeiros tempos, descrito com inegável habilidade e revelando familiaridade completa com as fontes, no qual a vida coletiva e a vida privada se entrelaçam, como, por exemplo, na opressão fiscal e nos esforços realisados pelos contribuintes para escaparem ao tão bem organisado fisco lágida. Merece especial destaque o modo como é tratada a política mercantilista do Egito, com seus administradores procurando intensificar as exportações e reduzir as importações (págs. 20-21), o que levava à preocupação de obter no local vários produtos estrangeiros, ao desenvolvimento dos meios de transporte e a um violento protecionismo alfandegário: 25% para o mel grego, 20 a 50% para queijos, móveis, esponjas, frutos, etc. (págs. 37, 57-58). É também posto em relêvo o problema da fixação da população rural ao trabalho da terra e aí vê mesmo o Autor a origem da própria servidão da gleba medieval: "La terre n'est un capital utile que si elle est garnie d'hommes. Comme tous les capitalismes agraires, l'Égypte des Ptolémées cherche une forme quelconque d'attache à la glèbe. Les prodromes d'une évolution qui, mille ans plus tard, aboutira au servage, apparaissent déjà dans la "dôréa" d'Apollonios" (págs. 52-53). Enfim, são assuntos de ordem econômica em que se nota que o Autor está à vontade. O mesmo não sucede com outros setores, como o político e o cultural, que se poderia esperar fôssem igualmente tratados, dado o título amplamente promissor do volume em questão.

PEDRO MOACYR CAMPOS.

DOUGLAS (David). — **The Norman conquest and British historians.** Glasgow, Jackson, Son & Company, 1946, 40 págs..

Que a História não pode ser considerada independentemente das condições da época em que vive o historiador, é um fato sôbre o qual poucos terão